



**Música na Escola Básica: experiências de criar, apreciar e performar na
Oficina de Musicalização através da flauta doce com alunos do Ensino
Fundamental em tempo de distanciamento físico**

Carolina Chaves Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
carolinacg@ymail.com

Sthela Cristina de Medeiros Gomes Amaral
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
sthelacris@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho refere-se a uma pesquisa sobre as experiências de criar, apreciar e performar na Oficina de Musicalização através da Flauta Doce da Escola Municipal Professor Arnaldo Monteiro Bezerra em Natal/RN. Com o objetivo de expor, refletir, analisar e discutir as experiências relacionadas à aprendizagem musical, pessoal e social em tempos de distanciamento físico. Tendo as obras de Bastian (2009), Loureiro (2003) e Swanwick (2003; 2014) como base epistemológica da Educação Musical; Cruz (2020) e Ricci e Vieira (2020) trazendo reflexões acerca da pandemia da Covid-19 e Santana (2010) e Bondía (2002) como aportes teóricos sobre as experiências com a Arte. Dentro de uma abordagem qualitativa, utilizando-se dos registros das aulas através de imagens, escritos e filmagens, este artigo se propõe a oferecer discussões que fomentam o ensino de música na Escola Básica, especificamente no processo de musicalização com a flauta doce, apontando caminhos possíveis nas relações de ensino e aprendizagem sem contato físico entre os pares.

Palavras-chave: Educação Musical na Educação Básica; Flauta doce; Distanciamento físico.

Musicalidade, escola e tempos de distanciamento físico

Sabe-se que a música é uma Arte presente de variadas maneiras em diversas culturas. Sua versatilidade confere inúmeras possibilidades de aprendizagens no campo educacional. A importância da formação para a cidadania deve incluir as mais diversas leituras de mundo e, se esse mundo é musical, sonoro, artístico e estético, a educação musical perpassa os mais diversos níveis desse contexto escolar (PENNA, 2010). Do nosso contato com a música desde bebês, da construção da identidade cultural das crianças, da percepção do corpo, das interações que estabelecem em diferentes espaços, a educação musical dialoga com o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, devendo acompanhá-lo



também dentro do espaço formal de educação. Então, dentro da escola devemos compreender a música enquanto expressão humana, artística e cultural com seus códigos específicos, tendo consciência da realidade e de como se pode realizar processos educativos pela observação, diagnóstico, registros, avaliações e reflexões.

Assim, este trabalho apresenta os caminhos e resultados parciais de uma pesquisa, ainda em andamento, realizada nas oficinas de Musicalização com a Flauta Doce para as crianças da Escola Municipal Professor Arnaldo Monteiro Bezerra (EMAM), situada em Natal/RN. Como afirma Brito (2003, p. 11), “Acima de tudo, considera-se o percurso que cada educador ou educadora deve percorrer, junto com as crianças, tem de ser único, significativo, verdadeiro e possível”, pois acreditamos está fazendo nossa parte dentro das possibilidades que a realidade nos impôs, contribuindo na formação e ampliação das experiências musicais dos estudantes do grupo, repercutindo em sua formação humana, pelas posturas adquiridas e na comunidade escolar através das apresentações.

Nesse caminho, “A situação iniciada a partir do contágio mundial em massa pelo COVID-19, ainda que se trate de uma questão de saúde pública, afetou o cenário mundial em seus mais diversos campos, trazendo consequências econômicas, políticas, sociais e, logo, ao campo educacional.” (RICCI; VIEIRA, 2020, p. 01). A pandemia de COVID-19 obrigou todo o mundo a se reorganizar com distanciamento social e medidas de higiene, sendo que “O confinamento social é anunciado pela OMS como a única saída do momento para impedir o avanço da Covid-19, uma catástrofe humanitária mundial.” (CRUZ, 2020, p. 5). Neste sentido, a educação na escola foi tentando se adaptar para manter seu lugar, apesar de ter perdido o contato físico direto com o aluno em quase todo o mundo, acontecendo dessa maneira no Brasil desde março de 2020. Assim, passamos um período de um ano e cinco meses isolados socialmente, cada um nas suas moradias. Em agosto de 2021 retomamos as aulas de forma presencial, tendo que seguir alguns protocolos que serão relatados mais à frente. Mesmo diante deste cenário, conseguimos planejar e realizar um projeto de musicalização no contraturno do aluno, com as possibilidades que estiveram ao nosso alcance, pois não



estávamos mais em período de distanciamento social, apenas de distanciamento físico, cada um no seu “quadrado”¹ da escola.

Pensando no poder das experiências estéticas com a Arte e especificamente com a música, considerando ser uma situação nova, surgida a pouco mais de dois anos, realizamos intervenções com a essência da abordagem filosófica de Swanwick (2003) na perspectiva de ampliar e desenvolver os conhecimentos dos estudantes, tanto na aprendizagem musical, como na vivência pessoal e social. Assim, corroboramos com Santana quando afirma que o sucesso ou o fracasso desse ensino vai:

[...] depender, concretamente, de sua presença na escola e de um currículo que forneça as possibilidades de experiências estética para os sujeitos do processo educativo, envolvendo os seus interesses reais, a livre expressão, o fazer sistematizado, a fruição compreensiva, o entendimento das conexões históricas e dos contextos estéticos vinculados a culturas diversificadas (SANTANA, 2010, p. 12-13).

Esta pesquisa é uma importante contribuição na discussão, por se tratar de um tema emergente a partir de um contexto vivido por quase todo o mundo na esperança de aprender a lidar com uma nova realidade, contribuindo de forma efetiva com o desenvolvimento sociocultural dos alunos, numa demanda para garantir o espaço da música como área de conhecimento na escola. Deste modo, podemos verificar que “A música vem desempenhando, ao longo da história, um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, seja no moral e no social, contribuindo para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício de cidadania” (LOUREIRO, 2003, p. 33), tendo se disseminado e ampliado sua abrangência, entre outros campos, nas salas de aula da Educação Básica. Os avanços em obras científicas e acadêmicas apontam variados caminhos e a constante reconstrução, como no cenário pandêmico atual.

Considerando as experiências estéticas através da Educação Musical observamos que “As pesquisas sobre o comportamento musical das crianças em diferentes idades confirmam que esses elementos da mente musical emergem numa sequência que depende de oportunidade, do contexto musical e da educação.” (SWANWICK, 2014, p. 18). Assim,

¹ Espaço de distanciamento de pelo menos um metro entre os pares definido conforme o protocolo de biossegurança da Secretaria Municipal de Educação do Município de Natal/RN (SME-Natal/RN).



pensamos na Educação Musical a partir da experiência do sentir. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21), deixa marcas, vestígios, bem diferente de só ter informação ou apenas uma opinião, conduzindo-nos à transformação. A experiência media a relação de conhecimento com a vida humana.

Diante do exposto, o objetivo geral deste artigo é analisar as experiências da essência da abordagem filosófica de Swanwick (2003) no Projeto “Musicalização através da Flauta Doce” da Escola Municipal Professor Arnaldo Monteiro Bezerra em Natal/RN. Para isso, especificamente buscamos compreender aspectos da prática coletiva de flauta doce e sua abrangência, refletindo sobre sua aplicação no contexto da escola básica em tempo de distanciamento físico, diagnosticando, planejando e aplicando propostas de ensino de música que contemplem a criação, a apreciação e a performance como elementos para ampliação das experiências musicais dos alunos do Projeto, como também discutir os elementos essenciais de envolvimento musical como meio de desenvolvimento artístico, cultural, cognitivo e social dos alunos.

Caracterização da Escola e do Projeto

A Escola Municipal Professor Arnaldo Monteiro Bezerra, situada em Natal/RN, é uma escola central, de referência e possui o melhor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)² da Rede Municipal local com 6,3 de pontuação no ano de 2019. Consegui a vaga como professora de Artes nela em agosto do ano de 2020, depois de 18 anos na Rede. Quando cheguei, encontrei no armário uma quantidade considerável de flautas doces e fui atrás de saber o motivo daqueles instrumentos estarem guardados. Descobri que já havia existido um projeto viabilizado pelo Governo Federal denominado de Mais Educação e que as crianças da escola nos anos de 2014 a 2016 tinham oficinas do instrumento musical com um professor comunitário³. Quando este período terminou, o projeto se encerrou e o professor comunitário

² O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

³ Nomenclatura usada, pelo próprio programa do Governo Federal, aos monitores que ministravam as oficinas.



saiu da escola, ficando as flautas guardadas por não ter um profissional apto a ministrar oficinas de música, especificamente do instrumento. Diante da situação, ofereci à escola uma oficina de musicalização com a flauta doce como projeto de complementação de carga horária, que foi prontamente aprovado tanto pelo Conselho e Gestão Escolar como pela Secretaria Municipal de Educação do Natal (SME).

A contribuição de Swanwick para a Educação Musical

Em tempo pandêmico, de incertezas e instabilidade, repensamos rumos e redescobrimos caminhos, mesmo diante da insegurança, vislumbramos perspectivas de encontro com a ação educativa musical, e a formação de sujeitos plurais e “humanos” com toda a experiência do “ser”. Apesar de conhecer algumas das propostas de vários educadores musicais, aprofundamos nosso estudo nas ideias e abordagem filosófica de Keith Swanwick (2003), pela orientação teórica e prática através do “Modelo Compreensivo da Experiência Musical” denominado C(L)A(S)P. Este modelo aborda as experiências pedagógicas essenciais pela composição, apreciação e performance como parte central do processo de aprendizagem musical. Segundo as professoras e educadoras musicais Alda Oliveira e Liane Hentschke, no prefácio da edição do livro “Ensinando Música Musicalmente” (SWANWICK, 2003), “Swanwick possui habilidade em transitar entre dimensões teóricas, filosóficas e cotidianas das experiências musicais dos indivíduos [...] sugerindo formas de adaptar a educação musical a um mundo em mudanças.” E tendo que se adequar a um tempo com distanciamento físico por causa de uma pandemia, este músico e professor nos inspirou pelo engajamento ativo e direto com a música.

Pensamos ser necessário construir as estratégias educacionais adequadas à realidade dos estudantes e coerente com o contexto social e cultural deles, almejamos a formação de indivíduos criativos, sensíveis e, acima de tudo, humanos. Assim, Swanwick (2003) vem somar quando sugere o diálogo entre professor e aluno, envolvendo o intercâmbio de ideias, argumentação e expressão de pensamentos, valorizando a autonomia cognitiva e emocional dos estudantes e a participação de cada um na construção coletiva. “O significado e o valor da música nunca podem ser intrínsecos e universais, mas estão ligados ao que é socialmente situado e culturalmente mediado” (SWANWICK, 2003, p. 39). Então, se houver oportunidade destas



experiências ocorrerem na Educação Básica, haverá desenvolvimento humano dentro daquela realidade.

O C(L)A(S)P propõe cinco parâmetros de atividades musicais que devem estar presentes na educação musical e o professor deve trabalhar de forma equilibrada e integrada. Sendo as atividades de composição, apreciação e performance, primordiais no processo de ensino e aprendizagem musical, constituindo o tripé fundamental do envolvimento direto com a música, enquanto a literatura e a aquisição de habilidades dão suporte. Segue abaixo o significado de cada letra da sigla:

C = Composition (composição/criação);

(L) = Literature Studies (literatura sobre música);

A = Appreciation (apreciação);

(S) = Skill Aquisition (aquisição de habilidades);

P = Performance (performance).

Podemos analisar que os três principais parâmetros devem ser vivenciados na educação musical escolar de forma interligada e proporcional, contemplando também a literatura sobre música e a aquisição de habilidades. Estes últimos são parâmetros que dão suporte aos três principais, por isso estão entre parênteses. Assim, focamos nos três aspectos principais de envolvimento com música, ressaltando que todos os aspectos estão fazendo parte do processo de experiências com a musicalização através da flauta doce.

As aulas de musicalização com a flauta doce

Como a pesquisa ainda se encontra em andamento, para este trabalho, estamos fazendo um recorte do período compreendido entre outubro de 2021 a janeiro de 2022. Os encontros ocorreram uma vez por semana, todas as quintas-feiras das 9h30 às 11h30, para os alunos que estudavam no turno vespertino, e nas sextas-feiras das 13h às 15h, para os alunos que estudavam no turno matutino no período letivo de 2021. As aulas sempre iniciavam com a escolha de um local aberto e arejado, não tínhamos um local fixo na escola para a realização da oficina, de forma que buscávamos aproveitar os espaços abertos, já que os protocolos sanitários por causa da pandemia do Coronavírus exigiam distanciamento mínimo de um metro, ventilação, uso de máscaras e higienização frequente das mãos com água e sabão ou

álcool 70%. Por ser um instrumento de sopro, precisávamos tirar as máscaras e a responsabilidade aumentava. Então, sempre ocupávamos espaços como o do parque, refeitório ou quadra de esportes, dependendo da disponibilidade. Éramos “nômades” na escola (Figuras 01).

Figuras 1: Aulas das Oficinas de Musicalização com a Flauta Doce na quadra, no parque, no refeitório e em uma sala de aula da EMAM.



Fonte: Arquivo pessoal

Vale ressaltar que não houve teste de seleção para participar do projeto. O critério foi apenas o interesse e disponibilidade para estar na escola no contraturno do horário regular de aulas. Enviamos para os responsáveis pelos estudantes um termo de compromisso, constando os deveres e responsabilidades na postura perante a Oficina e no zelo para com o instrumento emprestado pela escola. Estes mesmos responsáveis, em um outro documento, autorizaram a exposição da imagem de suas crianças em vídeos e fotografias e registros diversos, já que se trata também de um projeto de pesquisa.

Para iniciar, na primeira aula, foi feito um diagnóstico através de um questionário e de conversar sobre as vivências não formais de cada aluno e verificamos que todos são ouvintes e que nenhum toca um instrumento musical ou já teve uma aula específica de música. Todos conseguem acompanhar a letra de uma canção cantando, nem sempre afinado,



mas pronunciam as palavras no ritmo, cantam de modo mecânico. Dependendo da música, alguns dançam realizando movimentos corporais enquanto escutam, outros não. O suporte que mais utilizam para reprodução das músicas é o celular com fones de ouvidos ou sem e, algumas vezes, caixas de som que ampliam a intensidade via Bluetooth. A maioria aprecia o(s) a(s) cantores(as) e/ou bandas do momento veiculados pelas mídias de massa na televisão, redes sociais e aplicativos de reprodução de músicas. Para além da diversão e entretenimento, cada aluno demonstra seus gostos e preferências musicais através de seus ídolos. Observamos muita insegurança e medo no início da aprendizagem musical com a flauta, pois nunca tiveram aula de música ou a oportunidade de brincar para além de cantar e se movimentar, inventando sons e melodias seja com o corpo, com objetos ou com instrumentos musicais. Respeitando a individualidade, as experiências e as diferenças culturais de cada um, fomos evoluindo.

Aos poucos os estudantes começaram a aprender a forma correta de soprar e posicionar os dedos no instrumento para soar notas musicais e tocarem as primeiras músicas, isto depois de explorarem livremente o instrumento sem a preocupação de tocar corretamente. Era incrível ver a empolgação deles quando conseguiam realizar, soprando com a intensidade e o posicionamento corretos, as notas musicais afinadas, no tempo e ritmo “descobrimo” que podiam sim tocar uma música num instrumento. Experiências de **apreciação**, sensibilização e conhecimento foram realizadas assistindo variados vídeos, ouvindo músicas e trechos musicais além de melodias em diferentes tipos de flautas. Experiências de aquisição de habilidades na descoberta da posição dos dedos fechando os orifícios da flauta para soar algumas notas musicais no instrumento, controle da respiração para soprar as notas afinadas, atividades de sequências de notas para agilidade nas mudanças e **performance** musical na flauta também aconteceram.

[...] tocar um instrumento musical é uma das atividades humanas mais complexas. Até mesmo para as peças mais fáceis, exigem-se capacidades do intelecto (compreender), da habilidade motora dos movimentos toscos e refinados (apreender), da emoção (atingir) e da sensibilidade. A coordenação exata das mãos e dos dedos sobre cordas ou teclas exige uma marcadamente refinada coordenação motora e capacidade de representação espacial. Tocar pela partitura exige o rápido e simultâneo processamento de informações em extrema exatidão e densidade (notas, cadência, tempo, intensidade do som, agógica etc.). Exigem-se o



pensamento abstrato e o complexo, igualmente na audição prévia e na posterior da música para a cadência exata tocada. Isso significa, mais uma vez, uma atividade sob as extremas condições da simultaneidade do não-simultâneo. Em nenhuma outra disciplina a criança deve deparar-se concomitantemente com tantas decisões e trabalhá-las continuamente por um longo período. Essa combinação de contínua e constante atenção e planejamento prévio, em esforços espirituais, psíquicos e físicos que se modificam continuamente, constitui uma experiência educadora de valor único e, conseqüentemente, irrenunciável (BASTIAN, 2009, p. 111).

Aos poucos as crianças foram avançando, explorando a expressão das notas na flauta, passando a utilizar as duas mãos, aprendendo algumas músicas e tornando acessível à prática de conjunto. E, mesmo sem conseguir ler partitura formal, conhecendo as notas e o tempo, rapidamente, com as experiências perpassadas, os estudantes já tocavam algumas músicas. Igualmente em uníssono, os alunos tinham que estar atentos ao que estavam tocando juntamente com o grupo e o acompanhamento em *playback* que era realizado via caixa de som. Isso exigia, no mínimo, bastante atenção e concentração.

A prática da música exige e estimula a construção de uma imagem mental de uma composição no cérebro, uma representação cérebro-fisiológica, para tocar de cor, é necessário uma excelente memória. Aquele que pratica a música utiliza um plano de estrutura da composição que ele, no ato da execução da música, constrói e desintegra constantemente. O pressuposto para uma música bem-sucedida é simultaneamente treino, coordenação muscular e reações nervosas. Corpos, mãos, braços, dedos, respiração, entre muitos outros, devem estar e funcionar constantemente na mais refinada flexibilidade psicomotora (timing), destreza e coordenação mútuas. E na configuração interpretativa, exige-se a intuição construtiva, a fantasia criadora, o que nos anima a outra ideia que nos leva mais adiante (BASTIAN, 2009, p. 111 e 112).

Para além de apreciação de músicas, atividades de aquisição de habilidades e performance musical na flauta doce, também levávamos para os estudantes literatura sobre música e noções da escrita formal da música na partitura. Deixando claro que há outros tipos de escritas não formais. Até que eles começaram a entender que, com paciência, persistência e prática, poderiam compreender a leitura formal de partituras. “Nessa perspectiva, para que o acesso e o domínio da linguagem musical possam se estabelecer, é necessário proporcionar a familiaridade com experiências sonoras, estimulando a sensibilidade à música, ampliando a comunicação entre os sujeitos e entre estes e o mundo” (LOUREIRO, 2003, p. 131 e 132).



Já estávamos chegando ao final do ano letivo e a escola se preparava para o Sarau poético que é uma culminância dos projetos desenvolvidos, onde ocorrem apresentações dos resultados obtidos. E os estudantes do grupo de flautas concordaram em realizar a **performance** com as músicas que já conseguiam tocar como: Asa Branca⁴, Baby Shark⁵ e um trecho da 9ª Sinfonia de Beethoven. Então, começamos os preparativos para a realização da apresentação como o resultado do processo de criar, apreciar e performar.

No processo educativo musical, nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. E, nesse sentido, a música pode produzir um estado de maior flexibilidade, abrindo caminhos para um fluxo amplo de ideias, de fantasias, estreitando laços nas relações sociais, estimulando a criatividade nos indivíduos e nos grupos. (LOUREIRO, 2003, p. 115 e 116)

Realizamos duas apresentações, uma no turno matutino e outra no turno vespertino (Figura 02). A plateia vibrava e se encantava com cada música. Alguns alunos superaram a timidez e todos debutaram em se apresentar musicalmente, enfrentando os desafios de regular a respiração, o suor das mãos, o nervosismo para tocar um instrumento tão delicado. Sentiram em seu corpo o que uma experiência deste tipo provoca e as aprendizagens que ela proporciona. Infelizmente, a apresentação foi apenas para o público interno (alunos, professores e funcionários), pois ainda estávamos em pandemia e os cuidados continuavam como: uso de máscaras, distanciamento social e higienização frequente das mãos. Fizemos vídeos que foram enviados para as famílias e recebemos bastante devolutivas das mesmas do desenvolvimento das crianças.

Figura 2: Imagem da performance na escola

⁴ É uma canção de baião, de autoria da dupla *Luiz Gonzaga* e Humberto Teixeira.

⁵ É uma canção infantil que fala sobre uma família de tubarões. Ficou conhecida em 2016, quando a Pinkfong, uma empresa de educação sul-coreana, a transformou em um vídeo que se tornou viral através das redes sociais, vídeos e também no rádio.



Fonte: Arquivo pessoal

Já que tínhamos realizado várias experiências envolvendo **performance** e **apreciação**, passamos para as de **criação**, encerrando o ano letivo, propondo que cada um criasse uma pequena melodia na flauta utilizando apenas de poucas notas, no máximo cinco. Inicialmente, alguns resistiram achando que não conseguiriam. Mas com as orientações dadas e com a condução sem julgamentos todos realizaram a atividade e se surpreenderam com os resultados. Então, concluímos o ano cumprindo com a evolução dos estudantes tanto no aspecto musical como no aspecto pessoal e social na Oficina de musicalização com a flauta doce. E, com a pesquisa ainda se encontra em andamento, continuamos realizando várias experiências estéticas com o “Modelo Compreensivo da Experiência Musical” Swanwick (2003).

Considerações de quem continua acreditando

O trabalho desenvolvido a partir da essência do envolvimento musical (criar, apreciar e performar) refletem ações com resultados perceptíveis na aprendizagem e crescimento pessoal e social dos alunos. Sendo a experiência um saber particular, cada um compreendeu e evoluiu à sua maneira, desenvolvendo-se artística e musicalmente, cognitiva e culturalmente. Sempre conduzidos na construção de conhecimento pelas experiências estéticas musicais perpassadas, dentro das limitações físicas impostas pela pandemia.



Nem sempre era fácil manter os protocolos de distanciamento físico. Os estudantes muitas vezes se empolgavam e acabavam se aproximando mais que o permitido e se cumprimentando com apertos de mãos e abraços. Outras vezes, esqueciam de recolocar as máscaras de proteção facial após o uso da flauta. Ou ainda, desprezavam o uso do álcool 70%. Nestes casos, eram retomados os combinados, e exigidos que seguissem as determinações, pela segurança de todos. Pelo menos não foi registrado nenhum caso dos estudantes participantes do projeto com a Covid-19. Observamos que, com o vírus circulando, obtivemos sucesso com a adequação metodológica na questão do contato entre os pares, não impactando o desenvolvimento do trabalho.

Pela essência do envolvimento com a música, realizamos o criar, apreciar e performar, através da flauta doce, dentro das possibilidades disponíveis e encontradas no espaço da Educação Básica na Escola Pública. Apontamos caminhos possíveis nas relações de ensino e aprendizagem sem contato físico entre os pares, pensando na ampliação das experiências musicais dos estudantes, que também geraram crescimento pessoal e social como: autoestima, paciência, consciência do coletivo, amizade, solidariedade, entre outros. Desde o diagnóstico foi fundamental proporcionar as experiências estéticas com toda a inteireza, o movimento, a sensibilidade e as surpresas. Levando a um trabalho relevante à medida que aplicamos e discutimos experiências de ensino e aprendizagens de música na Escola Básica sob a ótica científica, acadêmica e pedagógica em tempos de distanciamento físico, preocupando-se com a formação integral do estudante.



Referências

BASTIAN, Hans Günther. *Música na escola: a contribuição do ensino de música no aprendizado e no convívio social da criança*. Tradução de Paulo F. Valério. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>> Acesso em: 02 jun. 2021.

BRITO, Teca de Alencar. *Música na Educação Infantil: proposta para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CRUZ, Giseli Barreto. [Entrevista concedida à Silvana Soares de Araújo Mesquita]. *Formação de professores e os atuais dilemas da profissão docente: entre a desigualdade social e a reinvenção da profissão*. Revista Educação Online, Rio de Janeiro, n. 34, mai-ago 2020, p. 1-17. Disponível em: <<https://doi.org/10.36556/eol.v15i34.804>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas/SP: Papirus, 2003.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RICCI, Maíke C. C; VIEIRA, Letícia. *A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo*. UDESC, Santa Catarina abr. 2020. Disponível em:
<https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL_Let_cia_Vieira_e_Maíke_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021

SANTANA, Arão Paranaguá. *Os saberes escolares, a experiência estética e a questão da formação docente em artes*. Anais VI Congresso da ABRACE. v. 11, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://silo.tips/download/os-saberes-escolares-a-experiencia-estetica-e-a-questao-da-formacao-docente-em-ar>> Acesso em: 02 jun. 2021.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

SWANWICK, Keith. *Música, mente e educação*. Tradução de Marcell Silva Steuernagel. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.